

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, O DESVIO QUE POSSIBILITA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MUNDO

Paula Jung Rocha*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relacionar o método da complexidade a um fenômeno social atual. O livro *O Método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização* é a referência metodológica que legitima a proposta. Parte-se do pressuposto de que a realização do II Fórum Social Mundial deu-se porque este movimento se constitui, num primeiro momento, desvio de comportamento de um grupo que pretende reformular o paradigma ocidental instituído, a partir da colocação de outras concepções/visões de mundo sobre os mais diversos assuntos. Neste caso, o *imprinting* cognitivo e a normalização foram enfraquecidos através da ação da autonomia do pensamento.

Palavras-chave: Complexidade; *Imprinting* cultural; Desvio.

Abstract: This study aims at relating the method of complexity to a recent social phenomenon. The methodological proposal is based on the book *The Method 4: the ideas, habitat, customs and organization*. It presupposes that the II World Social Forum took place due to the fact that a group of people intends to reformulate the established western paradigm, giving different world conceptions/ views to the very different issues. In this case, the cognitive imprinting and the normalization were weakened through the autonomous action of the thought.

Key words: Complexity; Cultural imprinting; Deviation.

O mundo contemporâneo passa por uma época de crise de seus fundamentos tradicionais. As instituições políticas, ideológicas, religiosas, artísticas, míticas estão a definir um novo paradigma da atualidade, que pode ser chamado de pós-modernidade. Esta efervescente realidade faz um convite à reflexão. São tamanhas e inusitadas as mudanças na transição deste século que o desafio do pensamento comprometido com o conhecimento torna-se ainda maior e mais difícil.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação da FAMECOS/PUCRS e Professora Feevale/RS.

O fenômeno da globalização e a fragmentação do saber criam um paradoxo existencial. Devido à vertiginosa expansão das relações globalizadas, tem-se a impressão de que o mundo caminha em direção ao progresso, ao menos tecnológico. Entretanto, a super-especialização das atividades, dos ofícios e das ciências transforma o conhecimento do todo em infinitas partes, as quais não se comunicam entre si, comprometendo, assim, o conhecimento que deveria ser completo ao abordar o local e o global, o científico e o humanístico, o cérebro e o espírito. Enfim, uma investigação movida pela natureza da complexidade.

Edgar Morin é destes pensadores que acreditam e incentivam a necessidade de um pensamento complexo a ser iniciado com urgência. Ao ler as obras *Método I, II, III e IV*, tem-se a certeza de que o mundo, tal como se apresenta hoje, é resultado de diversas relações e inter-relações de ordem social, econômica, cultural, antropológica, biológica, psicológica, física, química. Ao chegar a essa conclusão, não há como considerar a realidade a partir de somente um ponto de vista. É preciso, antes, contemplar a total dimensão envolvida e envolvente do ambiente e, então, aderir à complexidade para se alcançar, ou pelo menos, se aproximar da verdadeira verdade que conduz a vida.

Conforme atesta Morin, o método complexo tem a capacidade de investigar as causas de determinado fenômeno, de dialogar com o pesquisador e, principalmente, de abrir caminhos novos a quem se aventurar na busca de alternativas ousadas. Pode-se questionar as teorias reverenciadas como verdades absolutas, com a intenção de compreender melhor o objeto e o seu contexto. Respostas simplificadoras não se aplicam ao paradigma da complexidade.

Seguindo as indicações do pensador, este trabalho tem como objetivo relacionar o método da complexidade a um fenômeno social atual. O livro *O Método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização* é a referência metodológica que legitima a proposta. Parte-se do pressuposto de que a realização do II Fórum Social Mundial deu-se porque este movimento se constituiu, num primeiro momento, desvio de comportamento de um grupo que pretende reformular o paradigma ocidental instituído, a partir da colocação de outras concepções/visões de mundo sobre os mais diversos assuntos. Neste caso, o *imprinting* cognitivo e a normalização foram enfraquecidos através da ação da autonomia do pensamento.

1 UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL? DEPENDE...

O *slogan* do II Fórum Social Mundial, *Um outro mundo é possível*, indica a determinação das pessoas engajadas no movimento em busca de conceber um novo mundo. Mas será que esta proposição tem alguma chance de acontecer? Segundo Morin, para que se realize qualquer transformação definitiva, é necessário que ocorram algumas possibilidades simultaneamente. Pois a cultura, a sociedade e o conhecimento, elementos envolvidos na articulação e na transmissão do saber, têm um tronco comum. Todos produzem, são produzidos e autoproduzem-se numa relação que condiciona, e também é condicionante, na construção do conhecimento.

A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam “representações coletivas”,

“consciência coletiva”, “imaginário coletivo”. [...] a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura (Morin, 1998, 23).

Desta maneira, observa-se a relação direta entre a cultura de uma sociedade e os indivíduos que estão ligados a ela. Além de funcionar como uma memória dos dados cognitivos, a cultura direciona as normas práticas, éticas e políticas da sociedade e, também, está presente em cada cérebro/espírito individual.

Esse cérebro possui uma memória hereditária e princípios inatos organizadores de conhecimento, que são integrados a uma memória pessoal adquirida posteriormente, a qual integra outros princípios socioculturais de organização do conhecimento. Tornando, então, o conhecimento do indivíduo um aglomerado de memórias, biológica, cultural e pessoal, ou seja, a hipercomplexa máquina cerebral, da qual Morin fala.

O exercício de produção do conhecimento demonstra a unidade recursiva complexa entre produtores e produtos do conhecimento e a relação hologramática entre as mesmas instâncias. Recursiva porque supera a noção de regulação com a autoprodução e auto-organização, pois são os indivíduos que produzem a sociedade através de suas interações, enquanto a sociedade produz a humanidade dando-lhes linguagem e cultura. Já o princípio hologramático evidencia o paradoxo presente nos sistemas complexos de que a parte está no todo e o todo se inscreve na parte. Portanto, a viabilidade desses recursos resulta na possibilidade de autonomia relativa do espírito/cérebro individual, da mesma maneira como se verifica nos computadores autônomos, os quais são, em parte, controlados pelo Grande Computador, mas que dispõem do seu terminal particular.

“A possibilidade de autonomia do espírito individual está inscrita no princípio de seu conhecimento, e isso tanto em nível de seu conhecimento vulgar, cotidiano, quanto em nível de pensamento filosófico ou científico” (Morin, 1998, 28).

Em relação à cultura, sabe-se que ela tem como função a modelagem dos conhecimentos de cada indivíduo enquanto fornece ao pensamento as condições de formação, de concepção e de conceitualização, estabelecendo, assim, a autonomia relativa dos indivíduos com conhecimento. Este processo faz com que as interações cognitivas individuais tenham como finalidade a regeneração da cultura e vice-versa. “Interdições, tabus, normas, prescrições incorporam em cada um um imprinting cultural freqüentemente sem retorno” (Morin, 1998, p. 29).

Desta maneira, efetua-se a construção social da realidade, na qual se observa a prática de organização do conhecimento, cujas etapas passam pela seleção e hierarquização de idéias e de informações, de acordo com significações mitológicas e imaginárias.

Considerando-se as restrições submetidas pela cultura, pode-se achar que o conhecimento é um prisioneiro que não consegue se libertar. Todavia, não se deve ignorar as potencialidades de autonomia relativa dos espíritos individuais. Até mesmo, em condições, consideradas extremamente fechadas e adversas, os indivíduos mostram-se capazes de não corresponder à ordem social e às injunções culturais.

A fim de ilustrar como acontece este processo, Morin faz uma analogia com a informática. O Grande Computador, responsável pela memória dos dados cognitivos dos indivíduos, seria a sociedade; os indivíduos seriam os computadores menores, os quais teriam

como função enviar para a memória do Grande Computador as suas percepções particulares. A partir do conjunto destas interações entre terminais se instituiria o Grande Computador. Portanto, se a cultura de uma sociedade tem como missão prescrever as normas práticas, éticas e políticas dessa sociedade, ela o faz porque recebe a influência dos indivíduos que também a condicionam. “[...] a aquisição de uma informação, a descoberta de um saber, a invenção de uma idéia, podem, modificar uma cultura, transformar uma sociedade, mudar o curso da história” (Morin, 1998, p. 30).

Com o conhecimento se repete a inter-relação entre cultura e sociedade. Por estar conectado à estrutura da cultura, à organização social e à práxis histórica, ele é condicionante, determinante e produtor. Contudo, age sobre ele um acentuado determinismo, que pode ser classificado em dois tipos.

Os determinismos exteriores são responsáveis pelos caminhos que o conhecimento pode tomar; o que e como se deve ou não conhecer; a necessidade de se ter esta ou aquela informação, entre outros, que conduzem o indivíduo até o limite traçado. Já os mais implacáveis são os determinismos intrínsecos ao conhecimento. Sendo esses os princípios organizadores do conhecimento, ou paradigmas, são considerados como princípios iniciais de todo pensamento humano. Eles impõem um olhar sobre o mundo e governam, de modo imperativo e proibitivo, a lógica dos discursos, pensamentos, teorias.

Vê-se, deste modo, que todas estas determinações sociais, econômicas, políticas e culturais-noológicas convergem num multideterminismo que tem como objetivo sufocar, quando não matar por asfixia, qualquer manifestação de conhecimento. Instala-se, então, o *imprinting* cultural do conformismo e uma normalização que serve de imposição a esta estrutura. Ressalta-se que o *imprinting* e a normalização não dependem de coeficientes de inteligência. Quanto maior o grau de instrução cultural, mais se nota conformismos.

O *imprinting* cultural determina a desatenção seletiva, que nos faz desconsiderar tudo aquilo que não concorde com as nossas crenças, e o recalque eliminatório, que nos faz recusar toda informação inadequada às nossas convicções, ou toda objeção vinda de fonte considerada má (Morin, 1998, p. 35).

Os exemplos desta condição são muitos. Pode-se dizer que o Ocidente, representado por uma de suas maiores autoridades políticas, sofre de um *imprinting* cultural e de uma normalização alarmantes. No episódio de 11 de setembro, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, disse, em cadeia internacional de televisão, que o seu país representava o Bem, e que o seu arqui-inimigo, o Oriente Médio, no papel de herói do Mal, seria contra-atacado com armas que pudessem liquidá-lo imediatamente.

Sabe-se que os religiosos fundamentalistas, no caso dos muçulmanos, também possuem marcas fortes de um *imprinting* cultural e de uma normalização. Porém, a expectativa que se tem de uma nação desenvolvida econômica e culturalmente é de um momento de pausa, de reflexão diante de problemas, a fim de tomar uma atitude civilizada. Afinal, um país democrático deve ser livre na manifestação de seus ideais e ter a mesma cautela na abordagem de opiniões contrárias a sua. Lembra-se que a mensagem decodificada neste tipo de ocasião fica armazenada na memória do Grande Computador e, então, passa a fazer parte de cada terminal, espírito/cérebro, que, por sua vez, iniciam o processo de formação da cultura, realçando ainda mais o *imprinting* imposto. É um ciclo.

Contudo, as idéias movem-se e mudam, apesar das determinações internas e externas. As convicções absolutas passam a ser questionadas; a dúvida começa a ter mais espaço quanto à validade das verdades oficiais, dando início a um longo processo de enfraquecimento do *imprinting*. Os deslizos da normalização tornam possíveis a manifestação de desvios e o progresso do conhecimento.

Os fatores que podem desencadear o desvio e a evolução do conhecimento são: a atividade dialógica e o calor cultural. De acordo com Morin, a condição de uma dialógica cultural é a pluralidade/diversidade dos pontos de vista. Onde se observa um número considerável de indivíduos dotados de convicções cognitivas variadas, o *imprinting* cultural tem como função a inibição, e cabe à normalização reprimir esses instintos rebeldes. Entretanto, as atividades do *imprinting* da normalização são prejudicadas quanto maior for o número de espíritos rebeldes, desviantes. Pois em qualquer grupo social, os indivíduos diferem-se quanto à aceitação de valores e padrões impostos. Há sempre uma minoria de desviantes potencias, que podem seguir duas direções, a marginalização ou, à vezes, a rebeldia.

No Fórum Social Mundial pode-se dizer que os espíritos desviantes, num primeiro momento marginalizados pela sociedade, estão, hoje, numa situação de rebeldia reconhecida e aceita pela cultura como uma maneira democrática de reagir contra os determinismos do conhecimento através de apresentações e discussões sobre outras visões de mundo que vão de encontro ao paradigma dominante, o qual é direcionado de acordo com as leis de mercado impostas pelo sistema capitalista neoliberal norte-americano.

O calor cultural é sinônimo de atividade intelectual intensa. Nas sociedades em que são promovidos debates, encontros, trocas de idéias, nota-se o enfraquecimento de dogmas, teorias e ideologias dominantes e, conseqüentemente, um maior número de espíritos/cérebros dotados de autonomia relativa. Por esta razão os totalitarismos e as ditaduras proíbem qualquer manifestação contrária ao regime. O menor sinal de desacordo pode ter a capacidade de influenciar indivíduos, que aparentemente estão neutros, mas que podem ser espíritos desviantes em potencial.

Todavia, Morin alerta para a celebração exagerada do culto à autonomia do espírito que caracteriza o desvio. Segundo o pensador, este fervor de trocas culturais que leva à discussão e à competição de distintas idéias deve ser controlado, sob pena de ultrapassar os limites do diálogo/debate e tornar-se uma disputa física, militar. Não se consegue prever no que resultará uma forma de desvio. Pode-se esperar tanto uma demonstração de evolução do conhecimento quanto a regressão da humanidade.

A complexidade de uma sociedade é medida conforme a variedade de culturas existentes. O intercâmbio de muitas idéias e correntes contribui para expandir o ponto de vista que se tem sobre determinado assunto. Diferentes enfoques traçam contornos particulares sobre os objetos. Neste plano, a dialógica pode ser instalada no próprio espírito individual, causando uma espécie de ceticismo devido à oferta de posições que acabam por anular todas as demais. Ou, então, a dialógica pode resultar num processo denominado *double bind*, no qual se verifica uma busca individual, com a intenção de refletir sobre a posição do próprio indivíduo, podendo levá-lo à criação de idéias opostas, ou ainda, à solução para os problemas que julga angustiante. “De qualquer maneira, o encontro de idéias antagônicas cria uma zona de turbulência que abre uma brecha no determinismo cultural; pode estimular, entre indivíduos ou grupos, interrogações, insatisfações, dúvidas, reticências, busca” (Morin, 1998, p. 40).

A autonomia do espírito depende da dialógica. Esta zona de turbulência, caracterizada por uma ruptura do *imprinting* e da normalização pode ser observada no movimento Fórum Social Mundial. O calor cultural que proporciona a aglomeração de indivíduos apenas é possível porque estes espíritos desviantes passaram, antes, pelo processo de *double bind*. E ainda porque as condições apresentam-se passivas de mudanças, caracterizando um determinismo um tanto flexível, que somente é viável quando há uma intensa e múltipla troca de informações, de polêmicas. Este círculo desencadeia o processo de abrandamento da rigidez e das invariâncias cognitivas.

A conjunção da pluralidade, do comércio, do conflito, do diálogo, do calor, constitui uma lata complexidade cultural. Em conseqüência, a plena utilização de uma alta diversidade, numa dialógica em que idéias antagônicas e concorrentes se tornam ao mesmo tempo complementares, a intensidade e a riqueza do próprio debate criam condições de autonomia para o espírito (Morin, 1998, p. 40).

A possibilidade de expressão dos espíritos, secretamente autônomos, impulsiona aos desviantes, ainda em período de formação, à atualização. Este ciclo cresce de acordo com o enfraquecimento do *imprinting* e o conseqüente aumento de desvios. Devido ao caráter profundo da dialógica, ela acaba por penetrar no núcleo das doutrinas com uma ação corrosiva capaz de questionar o poder absoluto e oculto dos paradigmas. Nas condições em que se opera uma dialógica aberta, na qual se observa uma intensa troca de idéias e de conhecimentos é que os desvios podem confirmar-se e transformar-se, logo após, em tendência.

Assim, tem início o processo de multiplicação de desviantes até que o movimento se torne tendência. A partir deste momento, o desvio pode converter-se em uma nova doutrina e estabelecer outros tipos de normalização e um novo *imprinting*. Ocorre a legitimação e a institucionalização da idéia.

Não se pode afirmar que o Fórum Social Mundial se caracteriza, hoje, como uma tendência. O que se observa é que o *imprinting* cultural está sendo atingido de modo considerável. A cada edição do evento mais pessoas sentem-se comprometidas com as propostas defendidas nos debates e nas conferências. O calor cultural mobiliza os indivíduos à participação devido ao seu apelo social. Não há como não se identificar com pelo menos algumas das atividades desenvolvidas ao longo do Fórum. A complexidade está justamente em ampliar e questionar as visões/concepções do mundo através de um olhar contemplador de todos os aspectos da humanidade.

A organização do evento aborda os temas mais diversos possíveis, a fim de se aproximar da sociedade. No ano de 2002 foram oferecidas ao público cerca de 800 oficinas. A interdisciplinaridade verifica-se quanto aos títulos das palestras, que passavam por: *O mundo não é mercadoria, campanha contra a OMC; Alternativas à globalização; Software livre e liberdade; Organismos geneticamente modificados; Movimentos sociais e internet; Reforma agrária; Um mundo sem guerras é possível?; Por uma nova comunicação... e, também, Relaxamento e multilogue; Doutrina Budista, A voz das mulheres; Um novo futuro para as águas...*

Nota-se a relevância do Fórum Social quando a mídia internacional reconhece a importância do evento e faz uma cobertura com ênfase. Pode-se dizer, ainda, que o destaque internacional foi maior do que o do próprio país sede. Neste caso, o *imprinting* cultural e a normalização conseguiram neutralizar os espíritos que ainda não efetuaram o *double bind* e

a conseqüente autonomia do espírito. Entretanto, as mídias alternativas brasileiras trataram do assunto de modo a prestigiar o movimento com a apresentação de manifestos de importantes intelectuais, políticos, jornalistas.

Essas contradições indicam que o caminho a ser trilhado pelas idéias do Fórum é longo. Mas se o movimento está tendo um crescimento na repercussão é porque os espíritos desviantes estão começando a se libertar. Nunca vai haver total adesão dos indivíduos às propostas elaboradas. E é este processo de debate e troca de opiniões que desencadeia o calor cultural, que, por sua vez, permite o enfraquecimento do *imprinting* cultural.

Vários motivos levam à flexibilidade dos determinismos impostos pela cultura, sociedade e conhecimento. Um dos pontos mais importantes do Fórum é o reconhecimento da frágil situação em que se encontra o mundo contemporâneo. As evidências de que o mundo passa por uma crise são muitas. E, principalmente, o 11 de setembro marca o esfacelamento das certezas absolutas, quando o império dos Estados Unidos é atingido por uma nação que considera fora do seu contexto. Sobre o aspecto da globalização, da globalidade, é que os espíritos desviantes chamam a atenção. É preciso contextualizar os fatos isolados. Numa sociedade em rede, um acontecimento local pode transformar-se em tragédia global em poucos instantes. O olhar mutilador, que não considera a realidade do outro, pode virar-se contra ele mesmo. O conhecimento e o respeito às culturas e às religiões não ocidentais é uma questão de paz ou de guerra no mundo contemporâneo. Esta foi uma das principais propostas levantadas pelos espíritos desviantes que participaram do Fórum.

A revolução mental de maior importância começa quando certos indivíduos deixam de submeter-se às ordens, mitos, e crenças que emanam do Grande Computador e tornam-se sujeitos do conhecimento: o espírito individual permite-se considerar, refletir e pensar os problemas políticos, sociais, filosóficos aos quais não tinha acesso (Morin, 1998, p. 49).

2 VIVER É PRECISO, PENSAR MAIS AINDA

O desafio do século XXI está nas mãos do homem. Ele é principal agente do seu meio, mas não do universo. O movimento Fórum Social Mundial inicia uma caminhada de conscientização de que a humanidade deve preocupar com o seu planeta. Todos são filhos do Cosmos, avisa Morin. A multiplicidade dos problemas revela a incapacidade de se pensar os problemas globais enquanto tais, porque o foco dos grandes debates não tem coragem de encarar o contexto. Nota-se, em reuniões de cúpula dos países mais importantes, um compromisso irresponsável dos dirigentes em relação às questões mais importantes de sobrevivência do homem na Terra. O mercado econômico dita as regras de qualquer instância. Principalmente, os Estados Unidos mostram-se indiferentes ao resto dos povos miseráveis. Mesmo ao sofrer os ataques do dia 11 de setembro, a arrogância permanece, justamente pelo *imprinting* cultural e a normalização que caracteriza esse comportamento.

Assim, embora o conhecimento permaneça inscrito numa sociedade, numa cultura e num tempo, ele pode buscar nessa sociedade, nessa cultura e nesse tempo meios de considerar outras culturas, outras sociedades, outros tempos, assim como os meios de refletir sobre si mesmo sob o ponto de vista dessas outras culturas; pode mesmo, então, na sua busca de universalidade e de objetividade, encontrar um metaponto de vista que seja como um observatório de onde se enxergue para além do seu lugar e do seu tempo (Morin, 1998, p. 61).

Mas, se, por um lado, o *imprinting* e a normalização inibem e mutilam e evolução do conhecimento, há recursos que possibilitam o enfraquecimento destes determinismos culturais. A dialógica e a multiplicidade das idéias fomentam uma condição de reverter a imposição cultural. Os espíritos desviantes aceleram o ciclo de propagação de um novo *imprinting* cultural, marcado por antagonismos e questionamentos sob o paradigma regente. Desta maneira, outros indivíduos começam um processo interno de busca sobre dúvidas e incertezas que os fazem refletir e considerar modelos contrários ao que lhes são apresentados como verdades absolutas.

O Fórum Social Mundial nasceu com a intenção de ser um desvio e, por enquanto, ainda pode ser classificado assim. Contudo, a cada nova edição, os espíritos desviantes engajados numa proposta de salvar a humanidade aumentam consideravelmente. O exercício de conscientização, promovido pelos debates de diversos assuntos, está criando marcas novas no *imprinting* cultural dos indivíduos. O fato de agregar intelectuais conceituados; políticos de oposição ao sistema capitalista neoliberal; ecologistas; escritores; artistas; líderes religiosos; estudantes; quase dois mil jornalistas; manifestantes representantes das minorias, e grande quantidade de público, demonstra que a situação atual, seja econômica, social ou política, não está de acordo com os princípios estabelecidos por uma fatia da sociedade que tem autonomia relativa para determinar o que é, de fato, bom ou ruim para os rumos da civilização.

Um futuro desconhecido espera pela humanidade. É mais conveniente assumir os problemas e tentar resolvê-los de uma forma menos traumática, do que aguardar que autoridades responsáveis ajam a favor da preservação da espécie. As bombas nucleares são um exemplo do ponto que pode atingir a ganância. O Fórum Social Mundial defende e justifica o direito de se participar das questões referentes à humanidade. Saber que aprender a viver é, como diz Morin, preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da existência humana, é um princípio que leva à conscientização do poder e do dever que tem o homem em construir o seu futuro. Um outro mundo é possível, mas primeiro precisa-se entender por quais motivos este não o é. A simplificação está em negar o que se não tem conhecimento. Aceitar a complexidade é assumir o risco de tecer juntos as relações que solidificam a cultura, a sociedade e o conhecimento.

Ciência, técnica, sociedade arrastam e são arrastadas num turbilhão em que são mutuamente dominadoras e dominadas, subjugantes e subjugadas. Esse turbilhão determina agora o devir do planeta. Uma fantástica aventura acelera-se, na qual a ciência, cada vez mais elucidativa e cega, onipotente e impotente, tornou-se a cabeça inquiridora. Levaria, pensava-se ainda há um século, à emancipação da humanidade. Hoje, vemos que pode conduzir à subjugação do homem e à explosão do mundo. Nada está ainda decidido (Morin, 1998, p. 78).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORIN, Edgar. O Método 3. O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, Edgar. O Método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1999.